



Uma Educação em que Qualquer Professor e Qualquer Aluno não se Sintam Supérfluo

Enilson Marques De Oliveira¹

Reginaldo Neves Martins²

1 INTRODUÇÃO

Uma educação em que professores e alunos, qualquer professor ou qualquer aluno, não sejam vistos como supérfluos tem como princípio a valorização do sujeito em todas as suas dimensões, sejam elas históricas, culturais, sociais e familiares. Objetivando-se uma educação emancipadora para a vida. Vida que deve ser respeitada na prática de seu cotidiano formativo e posteriormente profissional no mercado de trabalho. Por isto que este texto se embasa na filosofia da Educação referenciado alguns pensadores como Heráclito, Parmênides, Paulo Freire, Borges, Morim entre outros, para que se possa refletir sobre a lógica de uma educação da valorização do sujeito como membro participante e interessado na consolidação de uma sociedade mais igualitária que visa o bem comum.

Palavras-chave: Educação, filosofia, emancipação.

2 EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E EMACIPAÇÃO

Educação pensar os preâmbulos da educação em uma dimensão social, faz-se necessário voltar a seus fatos históricos que fundamentam o processo da atualidade e contextualiza a real situação dos educandos e professores. Parafraseando as ideias de Durkheim *apud* Morin (2004.), o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais ao aluno, mas o de criar nele um estado interior. Enquanto visa a criação de um estado interior no sujeito do conhecimento, conforme bem citado acima, os objetivos da formação de uma sociedade coletiva ficam em segundo plano, fugindo assim, do ideal de educação para todos e de um Estado político para todo. Aí entra a problemática de como criar uma escola, uma educação onde nenhum dos sujeitos envolvidos no processo educacional não sejam considerados supérfluo.

Historicamente falando, a educação nunca foi tratada com esmero e reconhecida como a base de todas os outros setores da sociedade. Não tem como pensar, qualquer que seja a esfera do setor público, sem que haja em seus entremeios a contribuição educacional na base.

Na visão de Saviani (1991) desde os primórdios da humanidade, sempre foi necessário que os educadores, inicialmente reconhecidos como sofistas na Grécia antiga, norteassem os pensamentos políticos, sociais, culturais, artísticos e, conseqüentemente a direção e os rumos futuros daquela determinada comunidade social. A Filosofia era a base do pensamento destes,

¹ OLIVEIRA, Enilson Marques de. Graduado em Filosofia e Geografia; Pós-Graduado em Gestão e Orientação Educacional; Educação à Distância; Metodologia do Ensino de História e Geografia; Mestre em Ciência da Educação. E-MAIL: enilson.ma@hotmail.com

² MARTINS, Reginaldo Neves. Graduado em Filosofia e Educação Física; Pós-Graduado em: Gestão escolar, Ciências da Educação e Metodologia do Ensino de Filosofia; Mestre em Ciência da Educação. E-MAIL regynaldomartinsneves@gmail.com

Oliveira, E.M., Martins, R.N.; Uma Educação em que Qualquer Professor e Qualquer Aluno não se Sintam Supérfluo. Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea, V.3, Nº1, p.01-06, jan./jul. 2022. Artigo recebido em 15/01/2021. Última versão recebida em 10/02/2021. Aprovado em 15/03/2021.

então sofistas, que reproduzira seus conhecimentos a outros, cobrando pelo seu ofício e informando a seus alunos os conhecimentos de mundo até então adquirido.

Sendo assim, não se pode imaginar uma educação sem a contribuição primeira da filosofia, como amor a sabedoria. Educar perpassa não apenas pela formação escolar mais por toda a complexidade da criação histórica, social e cultural do sujeito da educação em processo de formação. Como a filosofia tem o papel fundamental da reflexão racional, assim como os primeiros filósofos buscaram construir o conhecimento da *physis*, ou seja, daquilo que é físico. Estes pensadores buscaram respostas para explicar a origem do Ser no mundo a partir dos elementos da natureza. Os filósofos pré-socráticos superaram, aquela que era a até então forma de conhecer o universo, a mitologia, criando métodos próprios de explicar a realidade, ou seja, dando sentido a seus anseios filosóficos como espécie humana (CHAUÍ,2000).

A filosofia nascia dando origem a toda uma produção de conhecimento e de representação da realidade. Esta forma de conhecer tudo o que lhes eram possíveis, serviu como base para o desenvolvimento cultural do Ocidente. Ainda na visão de Chauí (2000) formar uma sociedade sem que exclua qualquer sujeito no seu processo de construção da identidade, ou seja, com princípios filosóficos da realização, no sentido mais estrito do termo, amor a sabedoria, o que então completa o sentido daquilo que o realiza como sujeito, é preciso pensar também no exercício da cidadania; pensar a complexidade da formação escolar, sem perder de vista a formação social em que lhe foi constituída a composição familiar; conceber uma história dinâmica, pensando o exercício profissional como meio de garantia de sustento pessoal ao mesmo tempo que lhe assegura autonomia em sua forma de pensar e viver.

A filosofia da educação como instrumento de reflexão tem uma profunda contribuição no processo de uma educação emancipadora, pois ela consiste em acompanhar, fundamentar e dar sentido à atividade educacional, ou seja, é reflexão racional da atividade humana que o lhe constitui social sem perder sua identidade de ser individual dentro da coletividade. Lembrando que a filosofia, em hipótese alguma exclui o papel científicos das outras áreas de conhecimento, mas, como instrumento de reflexão e discussão racional, interrelaciona em todos os meios do conhecimento científico historicamente constituído ao longo do tempo, ou seja, ela procura explicar de forma reflexiva e racional os diversos significados ligados ao sistema educacional como experiência, como crescimento nas formas necessárias do conhecimento (TREVISAN,2004).

Presente na dicotomia e na relação que parece animá-la, a filosofia da educação [...] tematiza o contraste entre cultura científica e cultura humanística. A diversificação, bastante clara nos últimos anos, permeia de um lado a filosofia de cunho descritivo e, de outro, a filosofia de tipo histórico e ontológico. Pode-se dizer que as correntes se desenvolvem de forma paralela, com momentos de encontro e desencontro de princípios e estilos. (TREVISAN et al, 2004, p. 94).

Esta dicotomia, relatada acima, pode ser explicada pelas teorias científicas da educação. Segundo Kneller (1981), as teorias científicas não comportam implicações educacionais diretas, tendo em vista que ela precisa ser examinada, fundamentada na reflexão racional de cunho prático filosófico, pois o problema posto pela educação é um objeto de estudo da filosofia que busca dar sentido ao sujeito da educação.

Nesta perspectiva a educação permeia todas as dimensões humana, seja ela no seio de sua relação familiar em que fundamenta a filosofia prática com todos os valores éticos e morais, ou na dimensão teórica reflexiva, em que necessita se embasar e fundamentar sua prática com os conhecimentos científicos assimilados em toda a história da humanidade e que lhe possibilita a convivência social e construção de uma realidade unívoca e ao mesmo tempo plural. A filosofia tem este papel de justificar em que as ciências se fundamentam; sugere o ponto de ligação entre a ideologia do sujeito e o processo da educação, possibilitando a construção do conhecimento que na sociedade contemporânea é estrategicamente ministrado nas escolas de forma plural.

3 O ENSINO NA PERSPECTIVA DO COLETIVO

Falar de ensino, na perspectiva do coletivo requer entender o porquê o indivíduo não se apropria, de maneira espontânea dos conhecimentos acumulados pela própria humanidade, e que, portanto, para humanizar-se é necessário passar por um processo educativo. A partir desse ponto de vista, poderemos entender melhor o papel da escola na construção do conhecimento, ou seja, na perspectiva do coletivo. Assim, à escola, cabe a responsabilidade pela transmissão desse conhecimento num processo intencional e planejado, em que o sujeito mediador entre o saber e o sujeito da aprendizagem é o professor (VALENTE, 1999).

O processo educacional deve ser visto como algo progressivo e permanente, que necessita de várias formas de estudo para o seu aperfeiçoamento, pois em qualquer lugar, sempre haverá diferenças individuais, condições e formas ambientais que são de origem do sujeito e que, portanto, necessita de um tratamento diferente. Destarte, percebe-se que a educação se inscreve num amplo debate que permanece atual por trazer à tona questões da centralidade pedagógica do construir e reconstruir.

Segundo Paulo Freire (1998) essa discussão não envolve apenas os aspectos teóricos e metodológicos que procuram amparar as bases do processo educacional isoladamente, mas abarca, também, o processo de construção da prática docente, bem como a sua identidade profissional como agente transformador.

Ainda, na visão de Freire (1998, p. 18) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A leitura leva o homem a descobrir a si mesmo e a mudar a sua volta, efetivamente pela linguagem nos expressamos, nos revelamos, nos relacionamos com o outro e com o mundo, e a leitura é parte importante desse universo belíssimo, criado pela linguagem. Por isso que o percurso metodológico tem papel de fundamental importância no desenvolvimento de uma proposta educativa, pois é através dele que se transmite a filosofia proposta. Segundo Sonia Kramer:

Uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar (...). Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também a busca de uma resposta. É, pois um diálogo. Toda proposta é situada: traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrentam, os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta. (KRAMER 2008, p. 54).

A escola, na procura de um caminho e de um espaço que proporcione uma educação desvinculada de uma atitude apenas assistencialista ou mesmo, buscando um vínculo entre os cuidados essenciais dos educandos e a sua preparação para o ingresso na Universidade, possibilita uma prática educativa que se caracteriza, ora por seu papel meramente assistencial, ora por sua preocupação apenas com o conhecimento em si. Segundo Portocarrero, (1994, p. 57).

Foucault trata meticulosamente da relação entre poder e saber na sociedade, decifrando-a no que chamou de "história arqueológica" através da interferência que têm as instituições sociais na "normatização" dos indivíduos, o chamado "sistema repressor", como, por exemplo, os manicômios, as penitenciárias e as escolas. O centro de sua visão libertadora sobre o indivíduo na sociedade é a posse do saber como chave para a sua "desnormatização", enquanto crítica à série de signos, símbolos, princípios e regras de comportamento imposto e, portanto, de despersonalização. A central nessa visão pode ser resumido na compreensão de que "o poder" gera saberes e o saber gera poderes.

Nesse sentido a educação abrange desde o saber popular até o conhecimento científico desenvolvido nas grandes Instituições de pesquisa. Assim, a relação entre saber, conhecimento

e poder é ressaltada no conceito do próprio conhecimento aqui apresentado, porque a dimensão política também presente na categoria, deve ser recuperada para expressar o mais próximo possível a luta pela posse de informações entre grupos indivíduos na própria sociedade, pois a educação nada mais é do que um ato humanizador, que direciona o caminho na sociedade, de emancipação e da autonomia, responsável pela formação do sujeito.

Portanto entende-se que a educação tem um papel fundamental e importante na vida da própria sociedade, onde pode ser vislumbrado um futuro: uma sociedade sem classe, uma utopia tecnológica pós-moderna, o modelo de uma educação que possa resolver problemas latente como a desigualdade e a própria proteção da casa comum, o mundo (BRANDÃO,2001).

Por outro lado, afirma Arendt (1972, p. 239).

O educador está em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação.

Contudo, diante do que é exposto por Arendt, fica nítido que a práxis pedagógica deve ser o lugar mais apropriado para a organização das determinações do espaço escolar, da organização do sistema de ensino e das políticas educacionais nas aulas. Desta forma, a filosofia da educação tem como principal objetivo esclarecer o conhecimento educacional, priorizando as teorias pedagógicas, através de análises dialéticas, lógicas e retóricas.

Portanto, segundo Saviani (1991) o processo educativo não pode ser analisado de modo a ser fragmentado da concepção coletiva, colocada para qualquer lugar e tempo, uma vez que deve ser entendido e compreendido como uma prática social com relações históricas e sociais. Assim a educação é um fenômeno social que se adapta a cada tipo de concepção cultural, ou seja, é um processo educativo que se insere nos contextos de cada cultura, com objetivos a serem atingidos de acordo com a ideologia que domina a própria sociedade. Assim, segundo Dermeval Saviani:

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade. (SAVIANI, 1991, p.55).

A educação escolar se constitui basicamente de um processo institucional de transmissão de conhecimentos e de inclusão de valores socialmente aceitos. Porém, devemos ir além disso, não somente conservando o que os sistemas educativos vêm conservando como essencial, mas ir além do formal e compreender o processo educativo como algo coletivo que visa a transformação do próprio mundo de cada sujeito, de modo que seja mais humanizado.

4 A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA PARA O SUJEITO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

A educação é compreendida como um direito de todos e sua missão é contribuir para a formação de sujeitos autônomos, éticos e participativos. Assim, a escola articulada à comunidade, não é concebida apenas como uma instituição simplesmente transmissora de conhecimentos, mas sim como um local onde se trabalham afetos, valores, normas, modelos culturais e onde se criam ligações de união social.

Desta forma, a missão de educar é uma missão indiscutível e desafiadora, mas também prazerosa e gratificante que abarca as organizações sociais em que os sujeitos estão envolvidos.

Assim, entendendo que o sujeito aprende o tempo todo, nas diversas situações vivenciadas, compreendemos que a sociedade como um todo, exerce papel fundamental no processo de construção de conhecimentos significativos e de socialização do sujeito, como pessoa humana (Borges (2015, apud Medeiros)

Uma sociedade humanamente pensada deve-se embasar na dialética da vida. Tendo como base o princípio filosófico de Heráclito com o pressuposto do mutável e o imutável de Parmênides, como diz Borges (2015, apud Medeiros *et. all* p. 23).

Para Heráclito, o conhecimento se dá ao desvendarmos as dinâmicas das mudanças, a realidade que engloba todas elas. Parmênides conhecer é descobrir o que é permanente o que é estável o que nunca muda, ao invés de nos iludirmos com as mudanças que são apenas aparentes (BORGES, 2015, s/p.).

Apesar do contexto histórico em que se pensou o conhecimento da filosofia pré-socrática está baseada na busca de um princípio primeiro para explicar a origem do universo, conhecimento que era pertinente para a época, o contexto atual é outro, mas que utiliza da dimensão dialética para fundamentar o tema em questão. Educação emancipadora perpassa não apenas pelo educando como agente da aprendizagem, mas também, o professor, como sujeito do processo de ensino e aprendizagem.

Por mais que queira refletir a educação como um processo aquisitivo de conhecimento, os sujeitos envolvidos no processo têm suas bases históricas, culturais, religiosas, sociais e familiares que lhes configuram uma linha de conhecimento a ser percorrido. A mudança permanente em que traz Heráclito é impregnada em todas as dimensões da vida do sujeito em estudo. Para tanto, não se pode esquecer que cada sujeito é único e exclusivo atendendo a dimensão do nada flui, nada muda de Parmênides.

Portanto, esta é base de uma educação emancipadora e que veja o sujeito, seja ele o professor ou o estudante, possa ser visto como peça importante sem perder de vista que os mesmos estão impregnados no seu contexto, sendo que trazem consigo as nuances pessoais para a perspectiva da coletividade. Aí está a chave da questão. O meu eu, com o eu do outro compõe a coletividade. A diferença das particularidades é o x da questão que, sendo respeitado e reconhecido como particularidade do sujeito histórico e temporal, haverá o processo de formação com reciprocidade das funções com suas peculiaridades a que lhes são atribuídas e não haverá a superficialidade do mérito escolar de cada parte (SAVIANI,1991).

Sendo assim, pode-se embasar na fenomenologia idealista em que considera o sujeito como ser de consciência, pois a consciência é a fonte de intencionalidade cognitiva, afetiva e social em que o homem se insere. É ali que o sujeito experimenta e vive a realidade que lhe é possível de existir. É a consciência de que as diferenças das particularidades não lhes são próprias mais complementares. Embora haja a particularidade que o define o sujeito, mas ele tem consciência do mundo que lhe cerca dando-lhe o essencial para lhe ser a si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que é preciso repensar a prática educativa, pensar em novas formas de aprender, criar novos espaços de aprendizagem, ou seja, “aperfeiçoar” o tempo pedagógico com aulas mais atraentes e prazerosas. Considera-se, nesse contexto, os novos espaços de aprendizagem representados pelas novas mídias, os jogos eletrônicos, os games, bem como os jogos mais antigos como o xadrez, a dama, considerados grandes estimuladores do raciocínio.

Deve se considerar que a educação não é feita apenas do prédio escolar com aqueles sujeitos envolvidos diretamente no processo de ensino aprendizagem. A dinâmica perpassa por todo o processo em que lhe é possível e permitido viver. Viver não apenas para si, mais também

para o outro e, conseqüentemente para a sociedade que lhes garante os meios de sobrevivência na coletividade sem perder de vista a perspectiva da exclusividade do seu eu particularizado.

Finalmente, sabe-se que o envolvimento do aluno no processo de aprendizagem é fundamental para que ele se torne um sujeito ativo, no intuito de ampliar a responsabilidade pelo seu próprio conhecimento. Contudo, diante do que foi exposto, ficou nítido que a práxis pedagógica deve ser o lugar mais apropriado para a organização das determinações do espaço escolar, da organização do sistema de ensino e das políticas que devem direcionar a própria sociedade.

Dessa forma, poderemos alcançar configurações satisfatórias através de uma prática pedagógica que venha fazer a diferença na vida do sujeito, de maneira que abarque como um todo, contribuindo para uma transformação social com vista ao bem comum. E assim, a educação vai cumprindo o seu papel de humanizar a humanidade.

REFERENCIAS

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 1972.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo, Brasiliense, 2001.

CAHUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KNELLER, George F. **Introdução à Filosofia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MEDEIROS, Liziany Muller et al. **Filosofia da educação**. 2018.

MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PORTOCARRERO, Vera, **Foucault: A História do Saber e das Práticas, Filosofia, História e Sociologia das Ciências**, Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro, 1994.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

TREVISAN, Amarildo Luiz et al. **Filosofia da Educação a partir do diálogo contemporâneo entre analíticos e continentais**. Revista, 2004 (Heinrich-Heine Universität Düsseldorf), 2004.

VALENTE, J. A. O computador na sociedade do conhecimento. Campinas: Unicamp, 1999.